

DUQUE DE CAXIAS: O ENSINO DE GEOGRAFIA E O ESPAÇO URBANO DA CIDADE DOS CONTRASTES¹

Camila Vianna de Souza²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

kmi.la.souza@hotmail.com

RESUMO:

A pesquisa em questão visa abordar a importância do Ensino de Geografia para o desenvolvimento de temáticas como o estudo da cidade\urbano, atrelado os conceitos e conteúdos geográficos e as vivências cotidianas dos estudantes através de suas práticas socioespaciais, para uma análise reflexiva da sua realidade local. Como área de estudo opta-se pela cidade de Duque de Caxias\ RJ, pois parte de uma leitura geográfica bastante problematizadora por apresenta uma riqueza econômica bem significativa, enquanto questões sociais e ambientais bastante preocupantes. E nesse contexto é relevante que os educandos consigam compreender o seu papel social enquanto morador, estudante e cidadão.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Cidade, Duque de Caxias.

GT – 17: Geografia e Apropriação Urbana: Ensino de Cidade e das Comunidades tradicionais.

¹ Este ensaio é parte da dissertação intitulada “As práticas socioespaciais urbanas dos estudantes da EJA do município de Duque de Caxias, RJ”.

² Mestre em Geografia pela UERJ\FFP, Graduada pela UFRRJ\IM em Licenciatura Plena em Geografia e Professora da Educação Básica de Ensino.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre a importância do estudo do espaço urbano para o ensino de geografia a partir da cidade de Duque de Caxias. Refletir na produção social do espaço urbano, nos faz analisar o quanto essa temática é de suma importância para ser discutida no ambiente escolar.

A disciplina de Geografia favorece nesse quesito, pois abrange o ensino da cidade e do urbano, a partir da compreensão dos diferentes espaços, ou seja, estudar o lugar, da qual apresenta relação com o espaço vivido, nada mais é do que se reconhecer enquanto morador e cidadão da cidade através das práticas socioespaciais.

Os fenômenos geográficos estão espacializados no cotidiano dos estudantes, isto é, na perspectiva das práticas socioespaciais, a partir das observações nos percursos de casa para a escola, de casa para o trabalho, da análise dos mapas pertinentes da cidade, da percepção em relação as transformações físicas, econômicas e sociais que ocorrem nas paisagens, entre outros exemplos. Com isso, as práticas socioespaciais apresentam-se num contexto da relação entre homem e meio, da vida, de como se adaptar a sociedade, aos espaços e a cidade.

A prática socioespacial faz relação aos processos existentes nos espaços urbanos, abrangendo tanto os problemas, como conflitos e soluções que estão presentes na cidade. O processo de urbanização de muitas cidades tem se tornado cada vez mais intenso, os próprios elementos que caracterizam esse processo, sua dinâmica, estrutura, organização são relevantes para o entendimento da produção social do espaço.

Desta forma, é bastante contraditório a relação do urbano e da cidade, com a produção do espaço, ou seja, o sistema capitalista não só incentiva como estimula, a disputa dos arranjos espaciais, fazendo com que o processo de segregação seja ainda mais aparente, tornando inclusive a natureza refém desse sistema.

A urbanização desenfreada que a cidade de Duque de Caxias\RJ sofreu é um exemplo de como as práticas espaciais estão ligadas à questão da moradia, mobilidade, do transporte, da técnica, e etc. Duque de Caxias é um espaço em constante transformação, em busca do moderno, do mundo globalizado, onde comprime-se cada vez mais as espacialidades, mostrando a complexidade do que é viver no espaço urbano. Em pesquisas realizadas anteriormente por Sacramento; Souza (2016, p. 18) “Pensar a produção social da cidade como um conteúdo para

ensinar Geografia, é promover a compreensão das bases do lugar vivido por meio das práticas socioespaciais”.

Compreende-se, assim, que a cidade está associada à vida humana, onde o espaço geográfico se configura, se transforma e modifica as relações interpessoais. Em outras palavras, a cidade deve ser vista como um espaço de aprendizagem, pois possui características específicas que podem ser compreendidas através da sua dinâmica, estrutura e função na atualidade, e ainda em seu processo histórico no qual o espaço foi produzido.

A compreensão da cidade e do urbano tem relação com a formação do cidadão, entendida como parte dos princípios democráticos. Assim, forma-se esses indivíduos para a vida urbana, possibilitando a eles a experiência da problematização cotidiana, dos conflitos socioespaciais, de modo a construir conhecimentos críticos, como por exemplo, o direito à cidade.

Discutir a ideia de cidade e de espaço urbano é compreender a produção social, isto é, a forma como os diferentes espaços interagem e como a sociedade se comporta mediante as transformações ocorridas.

2 A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUA RELEVÂNCIA NA ESCOLA

A disciplina de Geografia na escola tem um papel de suma relevância, pois auxilia na análise da espacialidade e na formação intelectual do educando, a medida em que possibilita e desenvolve o raciocínio do pensamento crítico e espacial. A Geografia já foi vista e ainda permanece em algumas escolas, como uma disciplina de memorização, decoreba, enfadonha e descrição dos elementos geográficos, porém o que buscamos é superar essas dificuldades para mostrar o quanto a geografia é capaz de possibilitar conhecimento disciplinar de maneira reflexiva. De acordo com Cavalcanti (2013, p.11):

A espacialidade em que os alunos vivem na sociedade atual, como cidadãos, é bastante complexa. Seu espaço, diante do processo de mundialização da sociedade, extrapola o lugar de convívio imediato, sendo traçado por uma figura espacial fluida, sem limites definidos. Em razão dessa complexidade que é crescente, o cidadão não consegue sozinho e espontaneamente compreender seu espaço de modo articulado e mais crítico; sua prática diária permite-lhe apenas um conhecimento parcial e frequentemente impreciso do espaço. O conhecimento mais integrado da espacialidade requer uma instrumentalização conceitual que torne possível aos alunos a apreensão articulada desse espaço. (CAVALCANTI, 2013, p.11)

Uma forma de trabalhar com diferentes abordagens é fazer com que essa disciplina seja vista como prática a vida cotidiana. Conforme Souza (2017, p. 201) a disciplina de Geografia

abrange o ensino da cidade e do urbano, a partir da compreensão dos diferentes espaços, ou seja, estudar o lugar que tem relação com o espaço vivido, nada mais é do que se reconhecer na cidade através das suas práticas socioespaciais.

As discussões teóricas podem estar atreladas às representações e percepções do que os alunos vivenciam e experimentam, e podem servir como um ponto de partida, através dos debates e discussões, avançando para os conceitos geográficos. Portanto, refletir nessa concepção é importante para saber relacionar, identificar, analisar e aplicar os conceitos a situações cotidianas, para que essas categorias tenham significados na disciplina de geografia. Souza (2017, p. 209) afirma que:

As práticas socioespaciais de Duque de Caxias podem ser trabalhadas através do que os alunos conseguem visualizar no campo econômico, como as obras desenvolvimentistas, partindo das percepções espaciais, da descrição do processo de transformação, fazendo a relação do pretérito e do presente, da prática à discussão mais teórica, a partir da interpretação das espacialidades geográficas, da dinâmica estrutural da cidade, envolvendo também questões sociais, políticas e ambientais. (SOUZA, 2017, p.209)

Diante de todas as contradições do sistema capitalista e do contexto neoliberal, acredita-se que a escola enquanto ambiente de construção de conhecimento e troca de saberes, pode ser considerado um local propício a realização desse tipo reflexão. E a geografia escolar pode contribuir para a formação de cidadãos capazes de ler e interpretar a realidade de forma crítica, atribuindo também as relações de produção e das espacialidades.

Conforme Morais; Cavalcanti (2011, p.29): “Há, pois diferentes lugares para se encaminhar o debate sobre o espaço urbano, a cidade e suas demandas. A escola é um desses lugares. À Geografia escolar cumpre a tarefa de tratá-lo a partir de sua espacialidade.”

A geografia é uma disciplina que tem por objetivo o estudo do espaço, não um espaço vazio, mas um espaço das relações sociais, um espaço vívido e dinâmico, que precisa ser compreendido, por esse motivo entende-se que o estudo da cidade é de suma relevância, pois vai contribuir para reconhecimento da realidade concreta. Castellar (2011, p.159) ainda afirma que:

Ao centrar o estudo da cidade como lugar de vivência, entendemos ser possível estabelecer as bases para a compreensão de aspectos significativos da realidade do ensino e aprendizagem de Geografia. Além do estudo sobre o lugar, que é fundamental para percebemos o cotidiano, o modo de vida, o vivido pelas pessoas, há também que se destacar a cidade como referência espacial, com um arranjo produtivo que envolve pessoas e mercadorias, caracterizando como o local das relações econômicas e sociais.” (CASTELLAR, 2011, p.159)

A própria vivência na cidade nos leva a analisar as relações locais e facilita o entendimento de processos mais amplos, como as relações globais que são caracterizadas pelos fluxos e redes. Os conteúdos relacionados a cidade e o urbano possibilitam que os alunos compreendam as problemáticas relacionadas as questões sociais, físicas, políticas, econômicas, culturais, ambientais e históricas existentes no bairro e no seu município.

É necessário que os educandos consigam não só articular, mas ter conhecimento teórico e prático, do que significa ter direito à cidade, ou seja, ao lazer, a uma moradia digna, a uma educação e um transporte público de qualidade, que podem ser relacionados ao conteúdo da disciplina, além de trabalhar também a questão da produção, da circulação, do ir e vir, do consumo e da segregação dos diferentes espaços.

Os agentes transformadores dos espaços urbanos podem ser vistos e considerados como o morador, educando e cidadão, que precisam compreender que é seu direito lutar por melhores condições urbanas. A leitura do espaço urbano possibilita a leitura da vida, a leitura da sua realidade e a criticidade dos arranjos espaciais.

Conforme Freire (1996, p.30-31):

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, e a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 1996, p.30-31)

Para Saviani (2013, p.78):

Esse verdadeiro culto do momento presente, da experiência imediata, no período recente é traduzido pela centralidade do conceito de “cotidiano”, que parece ter sido elevado ao status de verdadeira categoria pedagógica. A ligação entre educação e contemporaneidade expressa-se na relação entre escola e tempo presente, entendida como exploração explícita das vivências cotidianas de aluno e professores. (SAVIANI, 2013, p.78)

Nessa perceptiva pode-se afirmar que a ciência geográfica pode contribuir para que o estudo da cidade seja analisado criticamente, estabelecendo relações entre as práticas vivenciadas no espaço urbano. O estudo da cidade também possibilita ainda fazer o confronto entre o

conhecimento cotidiano e o conhecimento científico, que pode adquirido através do Ensino de Geografia.

O Educador de Geografia tem um papel de suma importância na escolha dos conteúdos, pois é uma escolha política, onde seu papel não é apenas informar, mas formar cidadãos capaz de ler e interpretar a realidade, compreendendo seu papel no espaço geográfico. De acordo com Lacoste (1988, p.232):

É preciso fazer com que aqueles que ensinam a geografia hoje tomem consciência de que o saber pensar o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos, mais também a situação local na qual se encontra cada um de nós. (LACOSTE, 1988, p.232)

Logo, entende-se que o processo de ensino aprendizagem está relacionado também com a percepção e a concepção que o aluno tem diante do que está sendo trabalhado pela proposta curricular, apresentando conteúdos e conceitos científicos articulados ao campo pedagógico de maneira bem estruturada, posicionados de forma analítica e relacionados ao cotidiano do educando, através das categorias geográficas para fomentar a sua formação. Para Cavalcanti (2012, p.132):

Essa formulação mais clara sobre as razões que justificam a presença dos conhecimentos geográficos nos conteúdos obrigatórios da escolarização básica contribui para construir convicções sobre que geografia ensinar, pois é ela que permite a articulação entre temas e conteúdos, fazendo com que, para além de um “amontoado” de tópicos, a geografia escolar se estruture em torno de um eixo teórico. Essa possibilidade de dar sentido à geografia, por sua vez, orienta o professor na tarefa de estabelecer prioridades e modos de abordar o conteúdo. (CAVALCANTI, 2012, p.132)

É importante compreender a cidade como educadora, o direito a frequentar e usufruir da mesma, a viver com dignidade, construindo identidade e cultura e o entendimento do que é o direito à cidade. Sacramento; Souza (2016, p. 19) afirmam que dessa forma, “O ensino de Geografia está estritamente ligado à formação da cidadania, pois constrói e reconstrói conhecimentos, capacitando os alunos a terem uma noção do mundo em que vivem; e uma das instâncias formadoras da cidadania são suas práticas cotidianas”.

Diante disso, será possível a compreensão dos educandos referente aos seus direitos, ou seja, de que podem participar ativamente da gestão da cidade. Para Lefebvre (2001, p.135):

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito a obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (LEFEBVRE, 2001, p.135)

A importância da organização do currículo não é apenas para mostrar os conhecimentos científicos, mas sim para situar o educando, fazê-lo compreender, analisar e se posicionar criticamente e politicamente diante da realidade na qual está inserido, pois na atual sociedade muitas são as relações existentes e complexas, que merecem estudos aprofundados e discussões fundamentadas. Cavalcanti (2012, p.83) afirma que:

Reafirmar o direito à cidade é uma maneira de contraposição à organização dominante da sociedade atual, que quer se autodenominar “globalizada” ressaltando uma tendência de homogeneização de seus espaços. A defesa do direito à cidade para todos os seus habitantes parte do entendimento de que a produção de seu espaço é feita com a participação desses habitantes, obedecendo as suas particularidades e diferenças. Trata-se de defender a necessidade de uma cidade com gestão democrática, que busca conciliar interesses e ações de uma ordem socioeconômico mais geral com os interesses e ações mais imediatos e elementares, nem por isso menos importante para a vida humana, do cotidiano de seus moradores. (CAVALCANTI, 2012, p.83)

A cidade não deve ser vista apenas como um conteúdo simplista da disciplina escolar. Estudar a cidade é de suma relevância para a educação geográfica, porque além da compreensão do modelo produtivo e das relações espaciais que permeiam a cidade, podemos usufruir desse mesmo espaço, com o intuito de entender a configuração e a dinâmica da globalização, que nada mais é, do que um processo significativo incorporado ao ensino-aprendizagem.

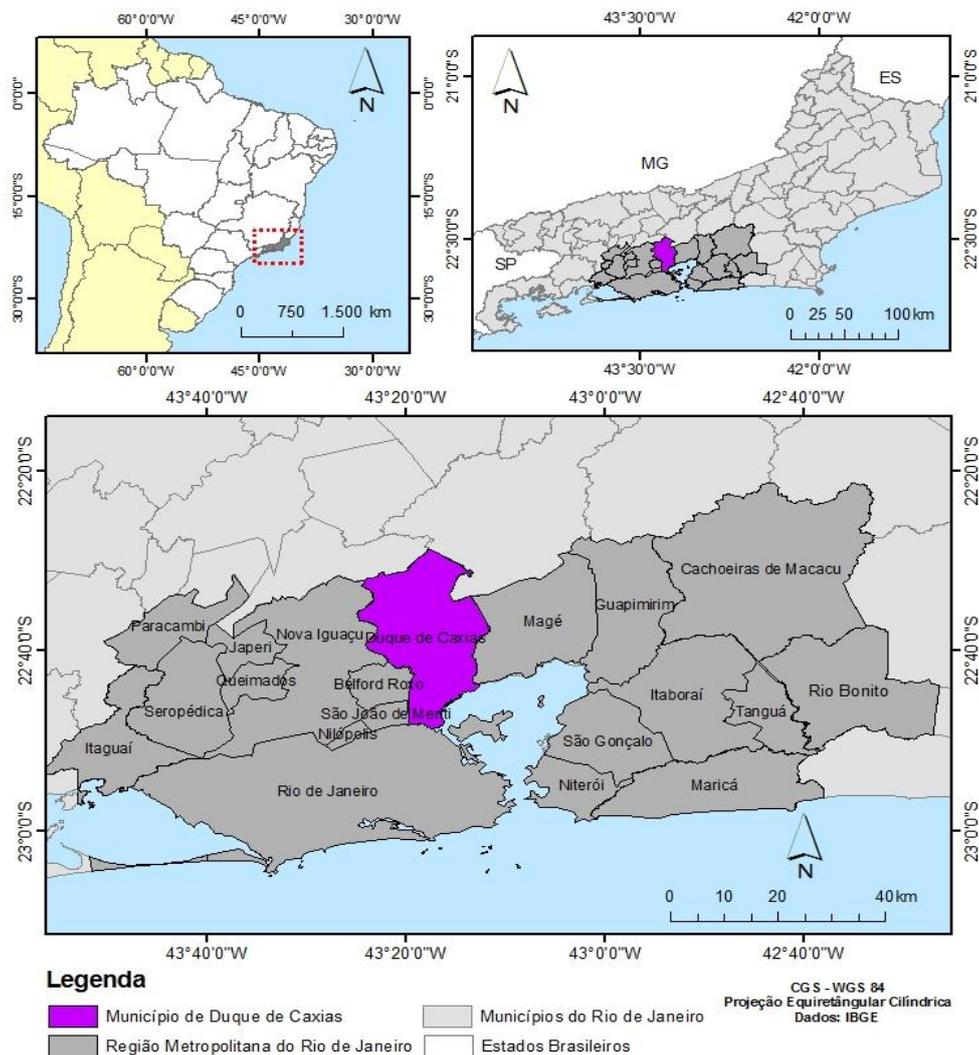
3-Duque de Caxias: A cidade dos contrastes

A escolha de Duque de Caxias como área de pesquisa baseia-se numa expressiva visibilidade que a cidade tem na Região Metropolitana, devido ao seu desenvolvimento econômico, mantendo-se na segunda posição em relação ao Estado, perdendo apenas para a capital. Conforme Lefebvre (1999, p.89):

A grande cidade monstruosa, tentacular, é sempre política. Ela constitui o meio mais favorável à constituição de um poder autoritário. Nesse meio reinam a organização e a superorganização. A grande cidade consagra a desigualdade. Entre a ordem dificilmente suportável e o caos sempre ameaçador, o poder, qualquer que seja- o poder de Estado- sempre escolherá a ordem. A grande cidade só tem um problema: o número. No seu âmbito necessariamente se estabelece uma sociedade de massas, o que implica a coesão sobre essas massas, portanto, a violência e a repressão permanente. (LEFEBVRE 1999, p.89)

Duque de Caxias está localizado na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense (mapa 1), como pode ser visualizado no mapa posterior, basicamente ocupando uma área correspondente a 442 Km², correspondente a cerca de 6,8% da área total da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, de acordo com Ibase (2005, p. 5-6).

Mapa 1: Mapa de localização de Duque de Caxias\ RJ



Fonte: SEABRA (2016)

Analisando ainda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a cidade de Duque de Caxias é bastante reconhecida por dimensionar dois extremos, de um lado uma riqueza econômica aparente e do outro, problemas sociais e ambientais gravíssimos, incluindo não só questões de saúde e educação, mais também miséria, fome, violência, entre outros.

Segundo Tenreiro (2015, p.15) “É comum o questionamento político sobre como um município que apresenta o 2º PIB do Estado do Rio de Janeiro pode ter a maioria de sua população vivendo em condições de vida inadequada”

Nesse sentido, é perceptível que a cidade de Duque de Caxias é um espaço de contradições, de múltiplas funções e dimensões, das lógicas capitalistas, da economia, das desigualdades sociais, das injustiças ambientais, do trabalho, das técnicas e dos serviços.

O espaço urbano de Duque de Caxias, atualmente tem atendido o capital imobiliário de maneira bem eficaz, baseadas nos interesses de grandes corporações de poderes públicos, construindo e desconstruindo paisagens, transformando e criando lugares, que por conseqüentemente modifica os arranjos espaciais das cidades. Essas organizações atendem ao capitalismo tornando os arranjos espaciais, cada vez mais urbanizados e valorizados.

As aulas de Geografia podem ser carregadas de significados, porque o processo econômico, social e ambiental da cidade de Duque de Caxias é bastante complexo e essas discussões, sobre desenvolvimentismo, especulação imobiliária, produção, reprodução e circulação de capital, desigualdades sociais, injustiças ambientais e transformações das paisagens são temáticas que precisam estar em pauta.

As características físicas da cidade em relação ao relevo e ao tipo climático são propícias para o acontecimento de eventos catastróficos, devido a sua própria dinâmica natural, ou seja, a cidade apresenta dois extremos, a Serra do Mar e o relevo de Baixada, que no período do verão, por conta das elevadas precipitações, sofre com o escoamento da água da chuva que vem de cima para baixo, do ponto mais alto da Serra chegando até a planície, formando áreas alagadiças e enchentes.

Além disso, é possível fazer discussões referentes as bacias hidrográficas da cidade, da planície de inundação, dos rios e seus afluentes, identificando as diferenças de inundações, alagamentos e enchentes, que são questões referentes a vida do aluno. Visto que, no período das precipitações, muitos moradores são afetados por essas catástrofes.

Ainda sobre essa problemática, pode-se trabalhar também a questão da poluição dos rios, moradias irregulares entorno de córregos, a constante da falta de água em alguns bairros, as obras desenvolvimentistas que fazem as canalizações, estreitamento e mudança no curso d’água, entre tantos outros assuntos, fazendo a correlação com os conteúdos da geografia física e humana.

As questões climáticas referentes a ilha de frescor e ilha de calor tem por exemplo, a prática de alguns bairros que permanecem com projetos de incentivo a arborização, a preservação das

Unidades de Conservação e por outro lado áreas intensamente quentes, devido a verticalização dos prédios e a ausência de vegetação, são abordagens que podem ser retratadas com os alunos para que consigam perceber, o porque alguns bairros são “quentes” e outros mais “frescos”.

É importante ressaltar também que Duque de Caxias apresenta o perfil de cidade dormitório, visto que muitos trabalhadores saem do Município no horário da manhã ou ainda de madrugada, enfrentam trânsito intenso e longas horas de engarrafamento, em sua maioria em transportes públicos sem nenhum tipo de conforto, normalmente em direção ao centro do Rio de Janeiro, zona sul, zona norte e zona oeste, localidades consideradas não tão próximas à Baixada Fluminense.

Destacam-se também problemas relacionados à questão do abastecimento de água e do saneamento básico que nem sempre é de fácil acesso, o que dificulta a vida dos moradores que necessitam de condições mínimas para a sua sobrevivência. A qualidade da água da cidade não apresenta as melhores condições, isso por conta de muitos dejetos que são lançados irregularmente nos rios e até mesmo lixos domésticos dos próprios moradores.

A própria organização de Duque de Caxias é baseada num modelo econômico com novas bases produtivas, maior intervenção e regulação do Estado, com empresas terceirizadas. Todavia, muitas vezes as ofertas de trabalho não asseguram os direitos trabalhistas, fazendo com que muitos moradores escolham o trabalho informal.

Desse modo, os conflitos na cidade são inúmeros, uma vez que esse espaço urbano apresenta uma relação fortificada com a acumulação do capital, da competitividade e com o sistema capitalista como um todo. De acordo com Seabra (2014),

A crise da modernidade colocou na ordem do dia o problema da cidade e do espaço urbano em função da enorme concentração de atividades, de população e de empresas (trabalho e capital), e culminou na formação das grandes aglomerações urbanas. (SEABRA, 2014, p. 70).

Como já foi destacado anteriormente são várias as empresas que compõem esse cenário, estimulando a produção, a reprodução, a acumulação e até mesmo o consumismo de seus produtos e serviços. Essa análise possibilitou compreender o quão complexo é o arranjo socioespacial de Duque de Caxias e como a sua organização influencia diretamente na produção do espaço social e do próprio espaço urbano, já que é uma importante cidade dentro do contexto da Baixada Fluminense.

2.1 CIDADE E URBANO: REFLETINDO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O processo de urbanização das cidades vem sendo cada vez mais intensificado por questões políticas e econômicas. Refletir sobre o urbano e a cidade é entender o sujeito como parte de um processo dinâmico e organizacional do que faz parte. Logo, cabe ao cidadão ter conhecimento da estrutura que lhe cerca.

Analisando o contexto histórico, percebe-se que no final do século XX o processo de urbanização desenfreado ocorreu devido às mudanças econômicas. Com isso, o processo migratório do campo para a cidade se tornou intenso. Desse modo, compreende-se que mudanças significativas foram percebidas em relação às condições sanitárias da vida urbana, diminuindo inclusive as taxas de mortalidade.

Nesse sentido, a vida urbana vai sendo modificada a partir da sua cotidianidade e daquilo que é ou não vivenciado materialmente, mas que apresenta relevância para o sujeito, pois a sua realidade influencia nas suas percepções, experiências e no modo de vida.

Diversas histórias são contadas e construídas por meio das espacialidades dos indivíduos, inclusive por parte dos estudantes e dos professores, que têm uma leitura e vivem suas histórias pelas transmutações que nela ocorrem ao longo do tempo, por diferentes culturas das que se apropriam dando vida ao espaço urbano, que está em constante movimento. Lefebvre (2001) afirma que,

Desta forma, a cidade é obra, a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução dos seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essas obras nas condições históricas. (LEFEBVRE, 2001, p. 46).

Ao modificar, criar e recriar cidades e diferentes espaços urbanos, surgem novos papéis, funções e objetos, e o discurso da modernidade persiste, tornando esses espaços mais dinâmicos, pois toda essa organização parte de agentes que estão com planos e propostas de “melhorar” teoricamente a cidade, o que interfere diretamente na natureza de forma prática, atingindo o espaço urbano.

A cidade e o espaço urbano são categorias que devem ser analisadas de forma conjunta. Porém, suas conceituações apresentam-se de maneira distinta, em que “a cidade é a forma, é a

materialização de determinadas relações sociais, enquanto o espaço urbano é o conteúdo, são as próprias relações sociais que se materializam no espaço” (Cavalcanti, 2012a, p. 66).

Sendo assim, pensar a cidade no ambiente escolar possibilita a aproximação da vida social e do espaço geográfico dos alunos, de modo que os mesmos possam identificar as suas práticas socioespaciais a partir da sua leitura de mundo, suas representações e percepções cotidianas.

O espaço urbano encontra-se materializado concretamente, estabelecendo as problemáticas cotidianas do cidadão. Por conseguinte, a questão urbana fundamenta-se nas necessidades sociais, como o movimento, a mobilidade, o direito à cidade, o valor de uso e troca, a relação da produção do trabalho e do capital, que podem ser observadas no processo das cidades. De acordo com Cavalcanti (2012a),

O espaço urbano é produzido histórica e socialmente. Essa afirmação é recorrente nos estudos urbanos, especialmente na área de Geografia. Essa ideia faz referência ao espaço como componente da produção social em geral, que tem uma lógica resultante da articulação das relações entre diferentes grupos e classes sociais num determinado momento histórico. Sendo o espaço urbano produto social, construído e reconstruído no conjunto de suas relações, o arranjo interno das cidades, produzindo diferentes lugares, tem a ver com a lógica dessas relações. (CAVALCANTI, 2012a, p. 133).

Em outras palavras, o urbano seria o conjunto das materialidades presentes na cidade e na vida cotidiana, que abrange também os sujeitos que nele permeiam a partir da dinâmica, estrutura, conflitos e problemáticas, ligados, por exemplo, às relações socioespaciais, como moradia, esgoto, saneamento básico, iluminação elétrica, transporte e vias públicas.

Há ainda problemas urbanos que têm se tornado cada vez mais constantes, como desemprego, pobreza, violência, fome, miséria e a própria desigualdade social presente num mesmo espaço. Na cidade de Duque de Caxias é possível visualizar esse contexto, uma vez que os problemas citados atingem uma parte significativa da população caxiense. Souza (2017) constatou os problemas citados através de sua pesquisa prática desenvolvida, com estudantes da Rede Pública de Ensino na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Para o melhor entendimento da vida cotidiana do morador, as ações governamentais públicas e privadas deveriam ser realizadas baseadas nas opiniões e consultas de quem vivencia a efervescência da cidade, daqueles que construíram uma vida num dado lugar.

A escola pode auxiliar nessa leitura, estimulando os alunos a refletir enquanto sujeitos da cidade, que as ações governamentais afetam diretamente a sua vida e que essas conjunturas podem ser pensadas e debatidas pelo professor, com o intuito de fomentar o discurso crítico nos estudantes.

Uma temática relevante no currículo de Geografia são as transformações urbanas, dado que a mesma incentiva a criticidade do aluno e é uma possibilidade do professor trazer os exemplos da própria cidade do educando, englobando, assim, a sua realidade local.

No que diz respeito ao espaço urbano, compreende-se que o mesmo é fragmentado e articulado, apresentando diferentes grupos e classes sociais, que estão organizados de forma distinta e possibilitam as reivindicações daqueles que se apropriam desses mesmos espaços, neste caso, os estudantes, que também fazem parte dessa relação de classe e da segregação socioespacial em seus diferentes momentos. Corrêa (1995, p. 9) afirma que: “o espaço da cidade é assim, e também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos”.

A cidade de Duque de Caxias tem passado por momentos turbulentos, principalmente no cenário da Educação. Muitas são as reivindicações: pagamento mensais atrasados, melhores condições de trabalho, aumento salarial, entre tantos outros exemplos.

Essa luta é um exemplo na prática de que os professores estão empenhados na busca de uma educação digna e de qualidade, e que os alunos precisam conhecer o contexto da situação, de modo a se posicionarem mediante o cenário político do município. Assim, o conceito de direito à cidade se aplica diretamente ao momento vivido pelos moradores de Duque de Caxias. Conforme Souza (2017, p. 189):

Entender o direito à cidade é compreender que os cidadãos, logo, os estudantes, devem ter suas garantias pelo Estado, que podem reivindicar suas causas e lutar por condições melhores de vida. Cabe ao sujeito ter esse tipo de conhecimento para colocar essa atividade em prática. (SOUZA, 2017, p.189)

Refletir sobre o direito à cidade é fazer com que os sujeitos se entendam como parte desses espaços e que podem lutar por melhorias a partir das suas reivindicações. Para Carlos (2013, p. 26), “A cidade também é um campo privilegiado de lutas de classes e movimentos sociais de todas as espécies, que questionam a normatização da cidade e da vida urbana”.

Duque de Caxias tem passado nos últimos anos também por momentos difíceis a respeito de questões políticas e econômicas, devido a isso, muitas são as organizações sindicais (petroleiros, síndico-química, professores, entre tantos outros) e Movimentos Sociais (Movimento Nacional de luta por moradia, Pensar Caxias, etc.), que têm se manifestado por melhorias na cidade.

O Movimento Popular Pensar Caxias³ é organizado através de um blog que fica disponível em endereço eletrônico e realiza reuniões semanalmente, convidando moradores, pesquisadores e qualquer cidadão que tenha interesse em dialogar sobre a cidade e sua situação.

Refletindo sobre a questão, é relevante trabalhar essa temática nas aulas de Geografia, uma vez que essa disciplina estuda a relação espaço/tempo entre sociedade e natureza, possibilitando o entendimento dos diferentes lugares. Portanto, trabalhar a cidade e os lugares públicos promove a luta de classes para o campo da cotidianidade, manifestando nossos direitos e insatisfações, visto que esses espaços são de encontros e reencontros.

Compreender a cidade é também identificar as atuações governamentais que permeiam esses espaços, onde uma parcela significativa da população se encontra. Cavalcanti (2012, p. 66) afirma que, “A cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações; contudo, ela expressa esse espaço como lugar da existência das pessoas, e não apenas como um arranjo de objetos, tecnicamente orientado”. Ademais, a cidade é um espaço de interesses e investimentos públicos e privados, que produzem, reproduzem e acumulam o capital.

A cidade também é o espaço das relações pessoais, das existências, ações e técnicas. Logo, o Ensino de Geografia pode contribuir para pensar o urbano como uma relação do encontro dos diferentes para a ascensão social, e ainda como um lugar que ensina a refletir sobre o exercício da cidadania. Mas como ensinar sobre o Município de Duque de Caxias? Estimulando conhecimentos prévios dos alunos, suas percepções, suas práticas socioespaciais, ou mesmo o direito à cidade, a luta por melhorias na cidade e nas relações que são construídas a partir da produção social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do pensamento, do conhecimento, da linguagem é de grande significância para a formação de conceitos a partir das práticas e dos saberes espaciais, vivenciados e produzidos pelos alunos, para atingir as funções sociais, com o intuito de conseguir solucionar problemáticas concretas e desenvolver o raciocínio mais complexos das situações cotidianas.

³ O grupo surgiu em julho de 2009 e faz reunião todas as quartas feiras com líderes sindicais, comunitários, trabalhadores de diversas áreas, entre outros. Realizam palestras com defensores civis, sobre educação, saúde, turismo, meio ambiente, emprego e renda para ilustrar a presente situação no município. Na página eletrônica (<http://blog.pensarcaxias.com.br>) tem a opção de cadastrar dados pessoais e receber informações via e-mail das datas dos encontros, reuniões e palestras.

O Ensino de Geografia atrelado as práticas espaciais podem ser um instrumento importante para a compreensão do espaço geográfico e para a formação de conceitos científicos, a partir do que é conhecido para o aluno. As próprias situações cotidianas podem estimular os educandos a passar por experimentações, abstrações, sistematizações, que de alguma forma aguçam as suas percepções e observações, pois parte do seu lugar, do seu espaço vivido, da sua praticidade.

Conforme Lefebvre (1983, p. 49): “Em primeiro lugar, o conhecimento é prático. Antes de elevar-se ao nível teórico, todo conhecimento começa pela experiência, pela prática. Tão somente a prática nos põe em contato com a realidade objetiva.”

O desenvolvimento dos conceitos científicos, se forem estudados a partir do conhecimento prático, dos saberes e das práticas espaciais não permanecerão apenas na teoria, mas sim em aprendizagens significativas, que podem vir a estimular a participação mais efetiva dos educandos nas aulas.

É importante ressaltar que o estudo da cidade de Duque de Caxias deve ser contextualizado a partir de uma proposta de trabalho que promova a construção do pensamento geográfico e da compreensão dos fenômenos e dos conceitos geográficos a partir da realidade do aluno e de suas práticas socioespaciais.

O educando tem direito sim, a uma educação geográfica de qualidade que vai possibilitá-lo compreender o mundo que o cerca de forma mais reflexiva, construindo suas próprias análises, dialogando com questões conflituosas que estão presentes no espaço urbano, promovendo assim, a luta pelo direito de viver na cidade. Conhecer a sua história, essa lógica dominante que tenta homogeneizar as espacialidades, é conhecer o mundo e se reconhecer enquanto cidadão.

Dessa forma, tais temáticas e conteúdos devem ser levadas para o ambiente escolar, enriquecendo as aulas de geografia, carregando-as de significado e atraindo os discentes por trabalhar aquilo que é deles, vivido por eles e construído por eles, ou seja, produzido e reproduzido por aqueles que habitam ou passam o seu dia na cidade, exercendo múltiplas relações no espaço urbano.

4 REFERÊNCIAS

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A cidade como método de estudo na educação geográfica. In: LACHE, Nubia Moreno, RODRIGUEZ, Alexander Cely. **Ciudades Leidas Cuidades Contadas**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2011. p.153-170.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Editora Papirus, 2012a.

_____. **O Ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Editora Papirus, 2012.

_____. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, SP: Editora Papirus, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Ed: Paz e Terra, 1996.

IBASE. **Diagnóstico Social de Jardim Gramacho**, Agosto, Rio de Janeiro: IBASE, 2005. Disponível em <http://www.ibase.gov.br> Acesso em 15 de outubro de 2013.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra**. Campinas: Ed. Papirus, 1988.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed, 1983.

_____. **A revolução urbana**. Editora UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. Centauro Editora, 2001.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa Vieira, CAVALCANTI, Lana de Souza. A cidade, os sujeitos e suas práticas espaciais cotidianas In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa Vieira, CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidade e seus sujeitos**. Goiânia: Editora Vieira, 2011. p.13-30.



SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; SOUZA, Camila Vianna de. A produção social do espaço e o ensino da cidade de São Gonçalo. **Revista GeoUECE** (Online), v. 5, n. 8, p. 06-32, jan./jun. 2016.

SOUZA, Camila Vianna de. **As práticas Socioespaciais Urbanas dos estudantes da EJA do Município de Duque de Caxias, RJ**. 2017. 224f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SAVIANI, Dermeval. **Abertura para a história da educação: do debate teórico –metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A produção do espaço urbano: abordagens e métodos de análise. In: OLIVEIRA, Floriano Godinho de, Freire, Désirée Guichard, JESUS, Gilmar Macarenhas de, OLIVEIRA, Leandro Dias de. **Geografia Urbana: ciência e ação política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. pp.67-83.

TENREIRO, André. Dentro de um espaço desigual. In: **Duque de Caxias: a geografia de um espaço desigual**. Nova Iguaçu, Entorno, 2015. p.7-21.